

**ÁGUA
DE
MORINGA**



***Carlos
Rodrigues
Brandão***

oferenda

Trago nos panos da trouxa de onde venho
os trapos dos retratos da memória,
coisas de pouco, um rol de quase nada:
um toco azul de lápis, um de vela
e duas folhas de papel timbrado
com um desenho de lua e outro de aceno
como se fosse longe, mas não tanto.
Um mapa de Goiás, outro da Úmbria,
A mochila nas costas e um caminho,
um Romancero de Lorca, uma viola
uma rosa-dos-ventos e o rosário
co calendário dos dias de lembrar.
a bota escura de terra, a mão de tinta
um arco-íris, um poema, uma janela

quatro momentos

depois de ler Hilda Hilst

o primeiro

Hoje eu te canto e depois não.
Pois é só o agora o que nos faz, aqui.
E agora somos a carne da alma
da manhã de um deus sem nome
e é tua a mão que desenha nele um rosto.
E, vê, amanhece do afago que nós temos
e de nosso enleio amanhece e vem o sol
e o nosso ardor deu a ele o ardor do dia.
O que existe está aqui: criamos juntos
desta lareira de amor que o amar acende
quando entre mãos os corpos que se tocam
tocam a raiz da terra e o céu do mundo.

o segundo

O lavar, o encandecer, o pressentir,
o que vem da alma agora, rara amiga.
Sim, o lavourar a terra como em prece
e colocar no sulco a semente e a lágrima
e ir embora sem a espera da colheita
no chão de terra a que chamamos mundo.
O encandecer porque em nós, de linhas vivas
se entretece o fio de cores do tempo,
o arisco andejo de horas que fazemos nossas
como quem trás pra cama o trigo e o vinho.
E o pressentir, porque quem planta profetiza,
como quando desdobras o branco que te veste
e como quem se cala, com as mãos dizes:
"agora apaga a vela, e anda... vem".

o terceiro

De olhar a noite eu vi que vem de ti
este orvalho, esta espera da manhã,
o sussurro de águas serenadas pela noite
e este vento que abençoa o que houve aqui.
e o que foi ontem e sobrou neste sussurro
com que te digo o que guardei nas mãos
que em teu corpo tocaram chão sagrado.
Este pequeno exercício de saber de nada
que é até onde chega quem depois de agora
vê que viajou do sono ao som do sonho
e do sonho ao rosto Sem Nome do sonhado.

o quarto

Sombroso, melhor do que assombrado.
Que daqui não fique ainda nada
a não ser o desterro desta hora.
A que se acaba de haver, e a luz se acende
e o que clareia é o que foi e acaba agora
e quem viveu se veste e vai embora.

*Rosa dos Ventos
inverno de 2012*



quatro exercícios de autodesconhecimento

o primeiro

Vindo de longe como o vento, e de onde?
trouxe o meu corpo, mera alegoria
e mais o espelho opaco que esconde
metade, a mascara de barro de meu rosto,
metade o que sobrou do que me invento
com um tanto de malva e sal a gosto
e alguns retalhos de acaso e de folia.

Sem nada, sou um rico, e saltimbanco
armo lona de circo, faço festa
e, peregrino, quero nada na algibeira.
O que não tinha, agora tenho: tempo
e por isso escrevo isto lento... lento.
Tempo é o que eu peneiro na peneira,
e esse momento é tudo o que me resta.

O que eu fui, o que fiz é agora o invento
de soletrar no caderno o esquecimento,
até restar limpa a lousa da memória,
como no voo a ave esquece o ninho
como de um barco a terra some aos poucos
como fecha a casa quem vai pelo caminho
e esquece a chave enquanto vai embora.

Esquecido de mim mesmo eu hoje, agora,
já não sei mais saber o que sabia:
se aquilo tudo houve em algum tempo
e se tudo foi s minha a trama, a história
em que alguém acaso creia um dia,
ou se foi tudo sonho, mitos da memória
estória, canto, conto, fantasia
e é mais verdade assim, por isso mesmo.

Como do voo volta a ave ao ninho
e de longe o barco torna ao porto
sou como quem depois de anos volta à casa

e embaixo do tapete encontra a chave
e abre o portão, a porta e a janela
e colhe na mesa um álbum-de-família,
e acende a luz onde já houve a vela
e distraído folheia fotos a esmo.

o segundo

Me embaralho de pensar
que um dia fui saltimbanco.
Fui professor de arapucas
que prendem bicho nenhum.

Fui aprendiz de palhaço
fui doutor de esquisitice
fui viajante dos tempos
sem sair de agora algum.

Fui mestre em esquecimento
e só sei o que eu não lembro.
Fui sabedor do sentente
e esquecedor de ciência.

Sonhei ser a flor do ipê
e no jardim que não tive
plantei três rosas dos ventos.
Fui descobridor de nada
que se escreva em dicionário.

prestei concurso pra fada
(não passei por meio ponto).
Sonhei ser o mês de agosto
no meio do calendário
encher o mundo de sorte
em manhã de um dia treze.

Desejei ser flor, já disse,
ser terra, água e semente
paraquedista, passante
pintor, poeta demente
cidadão de terra-alguma
areia e estrela cadente
e especialista vagante.

Sem sair da minha terra

viajei o mundo inteiro
vindo do fim pro começo
andando sem um rumo certo
sem bússola e GPS
vagando de léu-em-léu
em busca do que, se existe
eu nunca vi nem conheço.
Mas numa esquina sem nome
eu me encontrei, de repente.

Cresci sem pressa e agora
envelheci de menino,
e de tudo o que eu vivi
lembro nada... vagamente.

O terceiro

Acordo e não lavo o rosto.
Faço ginástica e... torto
escovo os dentes de um outro?
Me visto pra ir pra onde?
de pijama e sobretudo.
Esqueço o dever-pra-casa
e refaço o dever-pra-vida
(sempre em rascunho e aos pedaços).
Me esquivo de ser quem fora.
Me escondo de ser eu-mesmo
(essa doença sem cura)
E não busco uma saída,
qualquer rumo me leve
pra onde eu não quero ir.

Me reinvento de santo
de palhaço e equilibrista
de saltimbanco e sambista
de bispo, cavalo e torre,
e no jogo-xadrez de sempre
Prefiro a rei, ser peão!

Volto à escola e re-soletro
de trás pra frente o “abc”.
Reaprendo a ser sentente
(como o que mora em você
E você nem nunca sente!)

Me disfarço de ermitão.
Começo perto do fim
e não chegar ao começo
é o que eu planejo, e assim
não sonho ser quem desejo,
e amar quem eu não mereço
é tudo o que eu quero, enfim.
E quero escalar o Aconcágua
e lá do mais alto gritar
pra quem em ouça e ninguém:
“esqueço o que eu sei de mim
e o que eu faço é o que não fiz!”

Mas quando eu volto pra casa
onde eu vivo, mas não moro

escrevo num quadro a giz
(e logo em seguida apago)
tudo o que eu tenho a dizer
de vã teoria e teorema,
pergunta, prece, oração
prefácio, tese e poema
(de que sou sempre aprendiz)
pra um livro de poesia
que eu nunca escreverei...
E mais geografia e receitas
de pão de queijo e farofa,
de frango caipira e feijão.

Caio fora da internet,
(que você domina e eu não!)
de blogs, do face book
do MSN e das redes
que me enredam dia-a-dia,
até sentir que, esquecido
de quem escreveu isso tudo
já não sei se sou ou não
esse, que ainda há quem chame:
de... Carlos Rodrigues Brandão.

O quarto

Do acaso inesperado surge a espera
de que coisa alguma aconteça agora.
Nada existe dentro e não há nada fora
e verão algum vem depois da primavera.

Meu coração nem sente e nem decora
o abecedário do Carlos que ontem fui.
Ele sonha o que eu não sei. E vida afora
sonho com um lago que é um rio em mim e flui.

Vida é o que vivi? E nozes fora... nada?
E é ela que eu lembro quando acordo e esqueço?
E é no escuro dela a hora em que amanheço?
e minha casa é o chão de uma outra estrada?

Sonho? Sonhei que me sonhava um dia
e no sonho sonhava que havia um outro em mim,
E ele sabia e me lembrava o que eu esquecia
e do sono me acorde, e o que não era, é. E assim...

o primeiro dia

E terão vindo de um país de amêndoas
e línguas sem o “ele” e sem o “eme”
homens ágeis e alegres como em festa.
E virão cantando e dizendo: “cantem”.
E soprarão flautas e tocarão tambores
e entre danças de abril dirão do Sol:
Ele não é Deus, mas como um deus seria
e por isso temos os corpos sós e nus
e a mão esquerda tingida de azul real
e a direita de lilás e carmesim.
Do que aprenderam e sabem virão dizer:
Nada viemos ensinar pois destas coisas
Cada um aprende com o vento o seu quinhão.
Temos apenas estas danças e dançamos
Com os pés no chão do orvalho e da aurora.
Não somos anjos, não anunciamos o futuro
e somos seres de carne e de sopro e barro:
nós, os que viemos de longe para dizer com danças
que há tempo ainda e o tempo é sempre agora.

momento

Não fora de argila essa manhã

no forno que acende o sol do sul,
e nem cantasse na mata um urutau
e este riacho estreito e arrependido
de haver deixado o alto de seus montes
onde o nome de Deus se fala com três letras
e essa música a murmurar nos teus ouvidos
uma canção de amor e esquecimento,
essa música, ouve, que poderia ser de anjos
e é de água e de peixes, pedra e sonho.

Rosa dos Ventos
30 de dezembro 2003

o dia, quando acorda

Dá-me, Deus, o que eu já tenho
como este eu de quem sou e é quem?
E não sabe e acorda e então é dia
Como esquecê-lo se ele vai comigo
E é quem me lembra de ti quando eu esqueço?

Dá-me este corpo que te quer ver
e enxerga folhas, uma nuvem, meio pão
uma ave, uma criança, uma cantiga
o jornal de ontem e a mão da moça
à espera do meu resto de comida.
E o rosto do outro ... meu irmão?
(o seu nome eu sei? O seu perfil?)
e o mal do mundo e, às vezes, a alegria
de estar vivo agora, e é só, e é bom.
Dá-me, Pai, esta alma que te busca
enquanto é quinta feira e chove
e mais o andar de quem não acha,
mas procura a passos pela areia
e se te encontra enfim, não sabe mais
se isto é acaso, se é fé ou se poesia.

sobre o amor solto nas ruas

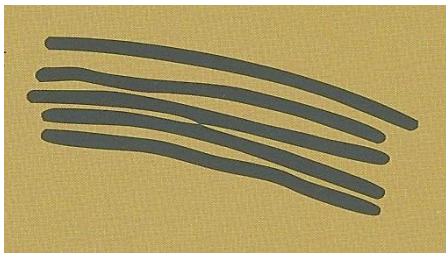
A mulher catando latas de cerveja
um fio de sangue, um corpo na calçada
um cego embriagado entoando samba
E dois jovens se beijando como em maio
enquanto um velho aos farrapos diz que é Cristo
a dois meninos dormindo em papelões.
Um outro bêbado gritando ao mundo e a Deus
o mesmo de quem falava um homem crente
com promessas de inferno e paraíso,
enquanto alguém vendia doces e dizia:
“é doce!” e andava com muletas, e sorria.

Abelha branca, zumbes
(De Neruda a Matilde)

Amorosa amiga, alguma noite antiga
te fez a fios de fogo e foi embora
e sobra o silêncio em tua casa.
Os deuses do sentido eu chamo em teu nome
com o ardor de abril e o mel de maio
e convoco, irmãos e iguais, Oxossi e Pã.

Aranha e maga, arranhas a teia do vestígio
e do arvoredado. Os rios da seiva te ornar
e de madeira dura é o pano de teu corpo:
de pinho feito e de pólen, de poeira.
Vasto é o sentimento e nele viajas
como quem vem da gávea e vai ao leme
e voas ao aceno das estrelas
e velejas no arcano, o lume aceso.

Pois és o fogo e a brasa e és a areia
e algo em ti arde da autora à hora do segredo
quando o teu dorso de alma afago,
e navegante vou com a mão entre o medo
e o estuário do teu ser etéreo e de argila.
E se estremeço é porque colho
no jardim de cores de teus olhos
como ave atenta ao brilho de uma estrela
o aceno afoito da nave do desejo
navegando o bravo mar do Chile.



a tarde, a noite

Escuta: os tardos bois da tarde
amanham grãos de março
e sobre um monte onde há vozes
voam três aves e anoitece.
O escuro cai e faz um frio.
Troveja longe e um raio rasga um véu
feito de orvalho e sonhos de menino.
Há uma lembrança ontem esquecida
de ser lembrada para sempre nesta noite,
e sobre o corpo do campo
algo de um rosto antigo paira
como a pesada pessoa de um morto.

A foice cortava anteontem
o que não era prado e nem festa
no alqueire verde do chão.
Não há um sino que redobre
nesses ermos de sertão.
Mas às seis horas da tarde
algumas mulheres velhas

cessam ofícios de forno e de fogão
e abraçam não sei que nome
como o de um filho ou de um deus.
A noite cai por onde quer
e para florirem os pés de ipês
com a cor de alma e a cor da sombra
a lua e as estrelas hoje esperam
fogões apagados, cinzas, cinzas
e o morno sono das chaminés.

Pretos de Baixo
Joanópolis
fevereiro de 1993

inventário

Seco, sem ares e vivo de vida

o que é igual ao que não era azula
e no escuro do escuro do que existe
cresce no altar do tempo a ara do tempo
e sobre o solo da alma a água apruma
o seu se ir de rio em rio caminho afora
como essas águas de maio no sertão.
E é tarde e chove e cai um raio, e um outro
acende o céu e o céu aclara a noite clara
e é cada estrela como a espera de outra
e o sol da luz lembra ao olhar do homem
que uma vela só clareia o mundo inteiro.

a noite

Vem do luar
uma branda luz de prata
com que a lua prateia o seu luar.
E de prata se cobrem a vida e o vento
e é o claro da noite que clareia
a luz clara da lua e o seu luar.
Tão clara luz clareia este lugar
tão de prata ela prateia este momento,
este clarão a que chamamos “noite”
e o seu veludo de estrelas e de luz,
que se imagina: a luz é o sentimento
com que a noite pensa o seu passar.

agora brilhe

Venha a luz!
Branqueie o quintal
a casa e o muro
e azule agora
a estrada, a trilha
da face do que antes
era escuro.
E o que foi noite
e o seu rosto
de sombra
e de veludo
Agora aclare.
Agora brilhe!

*Cidade de Goiás
março 2013*

uma casa velha num canto de Goiás

Lembro uma tarde, chovia e era março.
A casa era vazia e adormecia
e as coisas se olhavam sem espanto
desde quando as mulheres foram embora
e da casa levaram as mãos e as malas.
Sem espanto as coisas se entreolhavam
enquanto a casa velha envelhecia.

Um anjo sem ofício madrugava
e velava a sobra do que havia:
uma panela sem a tampa, uma caneta
um tinteiro vazio de tinta preta
uma foto sem o rosto de quem foi
um livro dado às traças e ao silêncio
um calendário de um ano que passou
um relógio parado às dez pras duas
(e na hora certa duas vezes todo dia)
um poço de água sem água, boca e fundo
uma teia de aranha sem a aranha
a poeira sem o medo da vassoura
e a vassoura sem pelos na parede
esperando o fim do dia, ou o fim do mundo.

Cidade de Goiás
Semana Santa de 2013

como se
para Maria Alice

Talvez porque a tarde de junho fosse como sempre,
mas uma certa coloração, de resto, bem usual,
Entre o laranja, o lilás e o vermelho claro
Desse ao crepúsculo alguns acentos de almanaque,
ou talvez porque inadvertidamente então
o canto de alguns pássaros dados como extintos
soletrou de repente e ao puro acaso notas de música
Que os ouvidos juram haver esquecido,
talvez apenas porque o julgamento dos mortos
sobre os gestos ruins e bons dos vivos
pareceu por um momento adiado para outubro,
talvez porque... bem, porque é tarde
e o canto das aves e aquela inaprendida sensação
de que é possível arrancar flores do jardim
sem o juízo implacável dos avós,
então, pela beira dos campos aqui em Goiás
tomei as suas mãos, amada minha
e vinte e dois anos depois de um dia em julho
eu as beijei com o olhar travesso e amoroso
do menino que fui há muito tempo
e que eu pensei haver morrido não sei quando.

Campinas

como um presente

hoje eu te trago
amada, amiga
um sol de dores
um rol de flores
e as cantigas
que o povo canta
quando em janeiro
a um deus menino.
refrãos e frases
te trago hoje
de um desmazelo
que vida afora
levo comigo
quando o sol conta
qual o caminho.
trago nos bolsos
os inventários
das melodias
que a morte pinta
e a vida fia:
uma de noite
outras de dia.

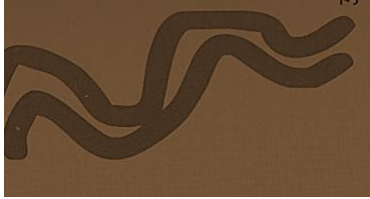
mas também trago
amiga, amada
flores da mata
cheiros de malva
e madressilva.
trago um alqueire
de terra preta
da terra viva
do coração.

nas mãos, no canto
amada, amiga

trago a alegria
de tanto amor
e esse poema
que canta e conta:
o que foi feito
o que foi dito
o que foi ontem
o que foi vida
amada amiga
o que foi nunca
por isso é eterno
o que foi dor
por isso é terno
o que foi triste
por isso é nada
amiga amada.

águas ao vento

Memória de viver.
Águas ao vento.
Moinho de pedra
que a própria pedra mói.
Caminho esquecido
do começo.
Ferida na pele de meu rosto
que mesmo sarada
ainda dói.



o semeador do oitavo dia

A lavoura que plantei
floriu em abril
e agosto secou
o que era palha.
Havia flores.
Alguns frutos eu colhi.
O que sobrou agora
Que ainda valha?

a água, a terra

Separa do viver
a água e a terra.
Uma é a que guarda
a vida que te resta.
Outra é para onde vais
quanto ela já não bebe
a vida que há na água,
e seca ela se esvai
e, areia, ela te esquece.

lembrar, esquecer

Com lã e linho tinto teço
o arremedo dos feitos
que não fiz.
Com agulha escrevo
no tecido um texto,
um conto, canto.
Uma estória com final feliz?
E o que a minha mão
recorda, borda e tece
a memória de quem fui
desfaz... e esquece.

Não relembro o que fui
enquanto havia a história
do que me houve
e sonha ser a minha vida
onde a volta veio
antes da vinda,
e por não existir mais
agora, desenhada
no tecido da toalha da memória
é nada, e sendo nada,
é infinda.

a mala e na mochila

Arranjos do viajar

(ir-se pra onde?):

Uma sacola de lona, um calendário
duas cuecas e três camisetas
uma escova de dentes, um sabonete
um caderno de espiral para um diário
dos dias de lembrar e de esquecer
um lápis azul, uma caneta
uma sandália de palha, uma lanterna
um livro de Drummond, outro de quem?
um canivete, um lenço verde e branco
uma capa de revista: um barco a vela
um mar em verde, a praia de uma ilha
e a espera sem ânsias de um alguém
e o vento, o vento, o vento, o vento ainda
e atrás do vento os dias por viver.
Um passaporte sem retrato e assinatura
E no lugar do nome, um nome assim:
“ninguém”.

lembramentos

A saudade que eu tenho
não é de lá do lugar de onde eu vim.
E nem é a saudade do que eu fui
Quando eu fui quem eu era
lá muito antes de ser eu.
A saudade que eu levo
e vai comigo vida afora
viajando como o vento
que mal chega aonde chega
e já passou, e já passou
é do lugar pra onde eu viajo agora
carregando nas mãos o que é meu
e viajando de tão longe
pra mais longe: lá de onde eu vim
e longe, longe, é pra onde eu vou.

Vida... vida?

Do acaso inesperado
surge a espera
de que coisa alguma
aconteça agora.
Nada existe dentro
e não há nada fora
E nenhum verão vem
depois da primavera.

Meu coração nem sente
e nem decora
o abecedário do Carlos
que eu ontem fui.
Ele sonha o que eu não sei
e eu sonho vida afora
com um lago que eu sou
e hoje é um rio... e flui.

Vida é o que eu vivi?
E noes fora... nada?
E é dela que eu lembro
quando acordo e esqueço?
E é na noite escura
a hora em que amanheço?
E a casa em que moro
é o começo de outra estrada?

Momento

Não fora de argila essa manhã
no forno que acende o sol do sul,
e nem cantasse na mata um urutau
e este riacho estreito e arrependido
de haver deixado o alto de seus montes
onde sussurra tudo o que é tristonho
e essa música a musicar os teus ouvidos
Uma canção de amor e esquecimento.
Essa canção que poderia ser de anjos
E vem da terra e do que toda a terra canta,
e é de água e de vento, pedra e de sonho.

Inventário

Seco, sem ares e vidas da vida
tudo resseca neste ar de outono
e o que é igual ao que não é, azula
e no escuro do escuro do que existe
cresce no altar do vento a ara do tempo
e sobre o solo da alma a água apruma
o seu se ir de rio em rio caminho afora.

E é tarde e chove e cai um raio, e um outro
acende o céu, e o céu aclara a noite clara.
E cada estrela é como a espera de outra
e o sol da luz lembra ao olhar do homem
que uma vela só clareia o mundo.

Ouvindo um poeta

(Jorge Luis Borges)

Como aquela noite nunca houve
quando a luz da lua como vinho se bebia
e no fim da tarde ela veio leve e fria
quando em tudo um arco-íris mal vestido
coloria as sete cores com que o sol
fiava a roupa do atardecer, e se cobria
de vermelho e de roxo, de azul e cinza
e de tristeza e solidão, paz e alegria.

Vida? Vida

Existimos aqui ou quando?
Um cair de gota de água somos nós?
Somos o tempo do pio de um passarinho?
O bater de asas de uma borboleta somos nós?
Somos o vento que passou antes de vir,
E, como nós, mal sabe de onde veio e pra onde vai?
Somos um primeiro clarão do sol da manhã cedo
ou o que há entre a noite e a chegar dele
Quando mal a luz clareia o arvoredado?
Somos eternos como a flor que flore um dia?
Ou efêmeros como a terra em que ela cai?

Quero lembrar

Eu me narro a narrativa

dos farrapos do tecido
Que eu teci.
Uma trama trançada
a fio de vida.
A esquecida lembrança
Não lembrada.

Memória de viver.
Águas ao vento.
Moinho de pedra
que a própria pedra mói.
Caminho esquecido
do começo.
Ferida na pele de meu rosto
que mesmo sarada
ainda dói.

A lavoura que plantei
floriu em abril
e agosto secou
o que era palha.
Havia flores.
Alguns frutos eu colhi.
O que sobrou agora
Que ainda valha?

Com lã e linho teço

Com lã e linho tinto teço
o arremedo dos feitos
que não fiz.
Com agulha escrevo
no tecido um texto,
um conto, canto.
Uma estória com final feliz?
E o que a minha mão
recorda, borda e tece
a memória de quem fui
desfaz... e esquece.

Não relembro o que fui
enquanto havia a história
do que me houve
e sonha ser a minha vida
onde a volta veio
antes da vinda,
e por não existir mais
agora, desenhada
no tecido da toalha da memória
é nada, e sendo nada,
é infinda.

O clarão do céu do chão

Vindo cedo a noite agora, veja:
quem veio acompanhando ela?
Quem veio ver o seu clarão de luzes
penduradas no espelho da janela?

Cobre de cobre a tela das estrelas
a noite e as suas cores de aquarela.
E quem olhar atento o céu do chão
verá que nele a cor do claro se desvela

Como o laranja do pano da flanela.
E brilha o vaga-lume desta noite
e como é noite sem lua e sem estrelas
brilha da luz que sai de dentro dela.

Na noite de chão claro um arco-íris
colore de cores o branco de uma tela,
e quem espia o rosto do sol posto
verá que há bem mais cores que o amarelo.

O sertão do São Francisco é todo luz
como a água clara no fundo da gamela.
Como a criança que ri do que era sério
e alegre o mundo com a alegria dela.

O chão de maio é um saco de quirela
que, aberto, derramou milhões de luzes,
como as da roupa de um palhaço velho
esperando o teu olhar pousado nela.

Como a mulher que de branco cobre a mesa
e em cima do branco acende a vela.
E é noite e ela espera quem não vem
e deixa a vela acesa enquanto vela.

E a noite clara clareia o chão da noite
como a roupa de uma noiva de novela.
Mesmo sem a lua a noite se rebrilha
e até o ipê roxo de tão roxo se amarela

Veio a noite e você não veio nela
ah! lua clara, clarão da clara noite!
Hoje o céu veste nuvens cor de nuvem,
e eu sei que você brilha acima delas.

O nirvana

Quando um floco de neve

caiu no meu ombro
pensei: podia ser agora
a hora em que, branco desta alvura
eu morro, parto e vou embora.
E vou embora
sem saber se volto à terra escura
ou se algo de mim
de mim se evade
E como a neve ao vento
sobe a alguma altura.

Lendo Fernando Pessoa
(e reescrevendo)

O poeta é um fingidor
(um fingidor inocente).
Finge tanto, e inutilmente
que escreve pra não esquecer
a dor que, esquecida...
sente.

tudo é todos, todos são o todo

Toda coisa é um gesto
e tudo envolve o Mundo inteiro
como uma casa, uma alma, um poema.
Todo Ser é um sonho
e, por isso, em cada Ser
habita a alma de todo o Mundo
da estrela imensa à flor, pequena.

Ontem ventou a noite e madrugada
e hoje um galho de árvore antiga
vogava caído pelo Rio de São Francisco
entre a cidade de Barra e Paratinga.
Ele passou por nós na corrente, rio-abaiixo
e parecia inerte, seco e sem destino

No entanto, ali no galho seco
no pedacinho de seu vogar efêmero,
passageiro mínimo e rio que o rio descia
o pequeno galho habita o rio inteiro
assim como o rio que leva o galho
navega nela e habita toda a Terra
e tudo o que nela há e havia.

Assim como a Terra, barquinha errante
habita um traço do Universo ao redor de um Sol
que com o seu cortejo de planetas e asteroides
navega a Via Láctea com os seus milhões de estrelas
vogando até algum ponto infinito do Universo,
de que o Galho, o Rio, Eu, Você,
a Terra, o Sol e tudo somos parte.

O galho seco e errante, levado pelo rio
é um gesto da Vida e contém a Vida inteira,
e abraça em seu fluir de rio-abaiixo o Cosmos todo,
pois em cada pequenina coisa viva e errante
(mesmo quando caída e sem seiva e seca)
tudo o que existe no fluir da Vida, é Vida
e existe como um fio do fluxo do fluir da Vida
E no galho, se o sol brilha por um instante,
ele - um galho seco rio-abaiixo - é o espelho
onde o sol espelha o seu rosto radiante.

E assim, ao olhar agora um galho de árvore
(aqui, na terceira margem deste rio)

separado de seu tronco pelo vento e caído
nas águas do Rio de São Francisco.
Viajante do inverno levado pelas águas de julho
eu perguntava: *é o rio quem leva o galho seco,*
ou é o galho quem guia o rio ao seu destino?

*Escrito a mão durante a viagem do Projeto "Caminho das Águas", uma
longa viagem pelo Rio São Francisco, entre Pirapora e o Pontal do
Peba, na foz do grande rio, em um julho de 1999.
Esquecido durante anos. Reencontrado em janeiro de 2012 na Rosa dos
Ventos e devidamente revisto.*

***dez poemas
escritos a mão
três sobre o mar***

e sete sobre o sertão¹

os três do mar

tudo o que vem se move

Agora cada vez me vem o mar.
Guardador de outonos, eu me espanto
de olhar para trás e me ver vindo.
Era ontem um tempo inacabado
e então eu relembro quando é noite
e do alto do céu Órion me fala:
é noite ainda, e era noite outrora.
Venho de um tempo quando eu era vento
e viajava em maio de um país a outro.
E hoje, quando há vento, do alto deste nome
vejo que a noite, o tempo, o mar e o vento
tudo o que vem se move, menos eu, agora.

Ilha de Santa Catarina

Uma ilha-barco aporta para sempre

Uma ilha como um navio ancora aqui.

¹. De fato todos eles foram originalmente escritos a mão, em folhas de um velho bloco de cartas marca BRASIL. Três deles, todos eles sertanejos, escritos em Montes Claros e em Pirapora, na beira do rio São Francisco. Os outros oito, de mar e de sertão, escritos em Florianópolis, na beira do mar, durante o outono de maio de 2006.

Derruba velas e pede a paz ao vento.
Deixa que a areia banhe a sua proa,
brinca de ser porto quem foi trilha
e acolhe nos mastros as gaivotas.
Uma ilha-barco aporta para sempre
e se cobre de ninhos e paineiras
e de mangues e de praias, de capelas
e de festas de santos padroeiros.
Uma ilha é um navio que não navega
e acolhe a cada dia um navegante.

e agora longe, quando eu me vou

Amei o mar.
Foi quando era menino
e molhava os pés na água e era anjo,
e voava sobre Copacabana
carregando uma estrela em cada asa.
Gostava de andar pelas areias
ali, onde a onda se termina
e desenha na praia o meu destino.
O mar não era mau nem inimigo
e morrer nele era morar em outra casa.
E agora, longe, quando eu me vou
por caminhos onde há vales e veredas
é o mar que amei quem vai comigo.



Os sete do sertão

e de longe, de repente, o que se via

Lembro de quando
um boi vinha na estrada.
Era manhã e o sol de março era
como um céu azul de meio dia.
E então era em Minas
a estrada estreita e antiga
por onde o boi viajava e vinha.
E de longe, de repente o que se via
do alto deste canto em Minas,
era um boi parado numa estrada
e uma estrada que pelo boi caminha.

E o rio assiste, mudo, estranho

Agora, ali onde é longe
já o sertão de Rosa
não é mais como antes fora.
Um boi berra, outro responde
e o vento é como sempre, ele ressoa
entre o que foi vereda e hoje é pasto
e o odor da terra é outro:
um cheiro acre, amaro mel.
Cobre o chão do cerrado um tapete
em tudo igual ao mesmo
e é verde, mas ainda é vivo,
sem mais o desenho e a cor
que as águas quentes de janeiro
multiplicam no corpo do sertão?
As maritacas voam e gritam
perguntando por mangabas
e o rio assiste, mudo, estranho
o sumir de pacus e de piaparas.
E entre chapadas e veredas
a dança das emas some agora
porque somem as emas que dançavam.



à espera do apito ao longe

Velhos, os vapozeiros
vestidos de cinza cor da cinza
vigiam as águas que navegam
das montanhas altas de Minas
aos campos lentos dos Gerais
à espera de um apito ao longe
do vapor que vinha, e não vem mais.

sonha o rio um dia ser lagoa?

É preciso ouvir o canto do silêncio
desses rios de alma lenta do sertão
quando descem entre planos e planuras
empurrados por agosto e o seu cantar.
Sonha o rio um dia ser lagoa?
Sonha deixar de navegar
e abrir entre os ocos do cerrado
seu pequeno oceano em chão mineiro
e a geografia de seu próprio mar?

Pirapora, beiras do São Francisco

três poemas com a palavra: vento

Como o vento, as palavras vêm

Escrevo. E ouço me dizerem as palavras
que nada do que está escrito aqui é meu.
As palavras me tomam nessa noite.
Como as sementes de um pé de amoras
elas me chegam de longe com o vento.
As palavras que eu digo, que eu escrevo,
não são minhas letras e palavras
e nem as frases e ideias que penso serem minhas.
Elas me chegam, brotam na terra de que sou,
como a planta semeada se desvela.
Nada do que está escrito aqui é meu.
Nada do que escrevi a vida inteira foi meu.
As palavras que dizemos e as que ouvimos
não são nossas em momento algum
e se ilude aquele que escreve e pensa: “isto é meu!”.
Elas chegam com o vento, como o vento.
Vêm de longe, de um onde não sabemos,
e por outros rostos foram ditas e em outras vozes
sob a sombra de outras árvores e outros frutos.
E outros ouvidos as ouviram em outras línguas.
Um vento de passagem as recolheu, um vento
como o que agora venta aqui. Vem e escuta!
Em outra noite como agora, em um lugar distante
um outro vento as recolheu nos braços, safra de letras.
e as palavras que pensamos nossas, vieram nele.
Terão cruzado o calor de algum deserto.
e povos beduínos as terão ouvido antes de nós
as palavras que cantaram e não são nossas.

Terão atravessado um mar, um oceano,
guiadas talvez por uma estrela
que de longe traduziu letras, palavras
e as entou antes de nós, bem antes.

E com o vento chegaram aqui as palavras
e por um instante, durante um breve tempo
do passar do sopro de um vento errante
elas me habitam como quem, cansado

encontra uma tenda ou a sombra de outra árvore.
Um momento efêmero, porque logo tomam alento
e em um outro vento viajam... vão embora
e pousam em um lugar longe, de outras línguas.
E passaram por nós, e as ouvimos e falamos,
e algumas vezes as retemos num papel
imaginando sair de nós o que apenas nos visita.
E aqui ficamos enquanto elas nos deixam.
E o que chamamos, sem saber, “silêncio”
é apenas o seu ir embora e nos deixar
até que outro vento passe e em nós ressoe
um poema, um pensar, uma canção.
Palavras que repousam em nós o seu minuto.
Em nós que sonhamos que ouvimos
Vindo dos rios de nosso corpo o que flui no tempo,
em sabermos que aquele que escreve
é apenas um alguém um pouco mais atento ao vento.
Ele escreve as palavras que o possuem,
mas quem? Quem decifra a voz do vento?

Era uma tarde, o vento

Era uma tarde e era quase a noite,
no horizonte houve um traço de Van Gogh:

um tom de laranja e um outro cor de barro.
E eu sonhava ir indo por ali, sozinho.
Como quem deixa as uvas e colhe o vento.
A noite veio vindo como quem a pé
e acendeu entre a Lua e o Cruzeiro
um carreiro de velas. E pareceu até
que o breu da noite clareia mais que o dia
por um instante que fosse, um momento.
E sobre o manto do mar Órion molha as mãos
e quem neste vôo vela a noite como eu,
desperto e aceso, se espanta e se pergunta:
para onde foi o que da tarde havia?
E quem chegou e quando? Vindo de onde?
Trazido de qual nuvem? De qual vento?
De que lugar que longe há, e eu não sabia?

O berrante, o vento

Ouves este som? Pensas que é o vento?
Ouve de novo! Escuta e vê. Não venta.

E na volta da estrada é um som dolente
quem trás até aqui três notas de um berrante.
Alguém que não o vento o sopra. Ouves? Quem?
É um boiadeiro quem canta e, como o vento
fala a ele e aos bois, e a nós e a deus,
e a todos embala como se fosse um berço
o sertão que entanto é pedra e fogo aceso.

Berrante, o artefato de sopro mais humilde
e o som mais igual ao Om de Krishina.
O mais deserdado sopro, o mais sem arte.
Não há lugar para ele entre violas
e sanfonas e tambores das folias
e dos bailes que embalam alegrias
entre um dia vinte e cinco e um dia seis.
Ele sonha ser apenas um mugido,
um como o vento que de um chifre sai,
pois é ao gado que viaja que ele fala.
Não o ouves? E pensas que é o vento.
tu que vens de longe e aqui te esqueces.
Escuta, como em missa, como em prece.
Pastor de bois, o boiadeiro quando sopra
O berrante que o gado ouve e sente,
é um pouco como deus, senhor do vento.

a lembrança de tudo

Nunca se morre de uma vez
nunca é para a noite escura
e nunca para sempre: sempre há vida.
Sempre há um copo de água, um pão, um peixe
e como o cosmos, tudo flui ainda
enquanto há ritos entre amigos
e se celebra Deus com cantorias.
E a vida é isso e é agora, e a prece
é essa viola de dez cordas
com que chamamos Cristo a vir beber conosco.
Pois entre tudo e o sonho desta noite
somos a linguagem deste nome: “nós”.
e se há um gesto de bem, um olhar, um “sim”
tudo isto é um salmo e a mão de Deus
toca o vidro da vidraça, e ele diz:
“já somos todos, vamos, sempre é tempo”.

O silêncio

Guardo para te dizer um dia
A palavra nunca dita.
No silêncio semeio o seu segredo
E me revelo a ti de não saber, eu mesmo
O que tenho a te dizer e calo ainda.

Soneto

Bastou que o sol da tarde se escondesse
Ah! Tempo quente, mas de cores frias
E bastava que um pouco ainda chovesse
Para eu saber que habitava um dos teus dias

E caminhava sem saber o quanto guias
Não só os pés e os passos, mas o rumo, esse
Por onde quando chegas, tempo nem sabias
Que é tanto o medo de que em ti eu me perdesse

Habitante que fui de um pouso à tarde
Onde aprendi que viajando dentro das horas
Não sei se chove ao não saber que o sol não arde

E entre pontas de luz e a sombra da asa
Em que voas, dia, enquanto partes e demoras
Em me seres mais que um tempo, a minha casa.

Viajando entre lugares
Agosto de 1973

Deixai-me voltar para casa

Deixai-me voltar para casa.
 Deixai-me voltar para a minha casa.
 Já andei por todos os caminhos
 Que um dia me foram destinados.
 De muitas fontes de água eu bebi a água
 E bebi com outros o vinho de infinitos gestos.
 Fiz amigos em tantas línguas
 E em quantas camas despejei o corpo
 E entre o sono e o silêncio adormeci.
 Agora anseio apenas pelo caminho da volta.
 Entre todos os que eu percorri
 Este caminho é o mais fácil e mais distante
 Porque ele vai de onde eu fui
 Até o lugar sem nome de onde eu vim.
 Não me lembro de onde vim
 Mas é este o lugar para onde sonho
 Da direção dos passos e dos cantos
 Que ainda sei cantar quando caminho.
 E assim quero voltar à minha casa
 Até quando chegue a hora de partir de novo
 Da viagem ao lugar da última casa.

Extrema, no sul de Minas Gerais
21 de outubro de 1991
(escrito e com data na contra-capas de um livro de poesia de
Anna Akhmátova)

com este fragmento na última página:

Talvez não seja
Mais o tempo dos corpos
Pois o outono deles
É a primavera do espírito.

Dois poemas de tempos de espera

um

A alma tem disso no Advento:
Ela espera pelo anúncio de uma estrela
e o murmúrio do choro de um menino.
“Deus - diziam os antigos –
é quem fica quando tudo foi embora”.
Mas é muito para quem espera tanto
e um deus que nasce bem pode ser assim.
pois dele eu quero um toque pequenino
do gesto com as mãos sem o milagre.
E sem o brilho de uma estrela no Oriente,
Quero os passos de três velhos no deserto.
Quero um pouco de paz, um pouco, mas sem fim.
E o bem do amor, como um pão que se reparte
quando veio a noite e um fogo aceso
reúne em volta seis homens que se abraçam
e perguntam pelo nome, uns dos outros
e semeiam pelo campo pés de amora
e vão embora sem a espera de colher.

dois

O realejo da vida tem seus dias
e algumas vezes pensamos saltar deles
a outros mundos, não sei, a outra vida.
O trem parou na estação: eu fico aqui.
mas nem é ela: a vida. Somos nós, sou eu!
E em dezembro eu sento neste banco e lembro
e toco a mão no pulso e espreito a vinda: do que? De quem?
E a vida existe e me sinto: sou seu filho e espero
e sentando num banco de estação sou herói errante
e é quando alguém me diz: para, escuta: é tempo de Advento
um deus, menino, você sabe? Há muito tempo ...
E ele se cala. Cala e vai embora.

Algumas vezes sobramos de nós mesmos:
somos um e somos tantos e nem cabemos
nas contas de Vinicius de Moraes

e nem no vestuário vão do corpo.
E então ele aperta com a roupa de um outro.
Mas o que em nós olha e espia no horizonte
e diz, como um profeta: quem vinha vai chegar!
E cala, e espera, e toma um vinho tinto
pois há mistérios que ditos perdem muito.

É quando pensamos: a alma existe
pois o que é de mim que há e sobra aqui?
E perguntamos, como um dia em Isaias:
vigia, vigia, o que é da noite?
E ele lê e responde (você lembra?)
A noite vem e vem também o dia!
Quem esperar, espere! É advento
e há um rio no Oriente e um deus,
e um dia vai vir ali e beber água:
e esse é o milagre. Este é o milagre.
E ele vai dizer: benditos os mansos, os pequenos.
e o resto são mitos, como Lázaro.

Às vezes somos os desejo do silêncio, e só.
E então, quem canta em nós? Quem canta?
Quem rumoreja esse hinário de cantigas?
Esse desejo de cantar baixinho
a um menino que nasceu na noite
não sei se em Belém, ou se em meus sonhos?

sobre o amor solto nas ruas

A mulher catava latas de cerveja
Um fio de sangue, um corpo na calçada
Um cego cantava sambas na porta do bar
Eles se beijavam como se fosse março
E um velho aos farrapos parecia Cristo
Dois meninos dormiam em papelões
Um bêbado pensava que era deus
E de um outro deus falava um crente
Vendia doces e dizia: “é doce!”
Andava com muletas e sorria.

*Poemas e fragmentos escrito em páginas
de um livro de poemas de W. H. Auden*

primeiro

Haja isto: o certo acerto do azar da morte.
 O aceitar sem queixas o gesto do inimigo
 O temor do estranho do gesto de poder
 Quando ele chega e sem dizer o nome
 Assenta na mesa e diz a todos: eu vim.

segundo

A tudo a natureza inunda de aves calmas.
 Vagarosas no voo como os velhos.
 Sábias no que calam como às vezes as crianças.

terceiro

Já pelo seu outono ele viajou a uma imensa mansidão.
 E assim ancorou no porto de sua casa, à volta da espera/e navegou a
 sua mão como se fosse um golfo.
 E todas as manhãs atravessava mares, indo do quarto ao escritório
 Como quem viaja de uma ilha a uma outra, longe.

Há uma indicação na página 85: "Grenoble/Bourdeau, 24 de setembro de 1994.

Quarto

E o mal cheiro sem tamanho
 Machuca a noite de setembro

Chegando de Paris no aeroporto de Salvador em 30 de setembro de 1994.

o começo do dia

primícias de mar
pobres primícias
de uma pobre manhã
de vento e sem o sol.
Uma manhã aqui
aberta entanto
na janela do dia
para o pescador
de volta ao rancho
na manhã de maio
com as mãos vazias
e o rosto amargo
e os seus trastes
de mago e de artesão
na espera de amanhã
de um outro dia
onde haja sol e peixe
e a alegria.

na última folha de uma agenda de 1975

com a sombra

Como a sombra eras, como a sombra
e da noite onde as sombras moram, vinhas
pois é noite ainda e a lua ausente brilha
brilha, amiga, ainda na morada da memória.
E é noite e há apenas noite agora, para que
brilhe, vinda de ti, esta luz imaginada.

*encontrada na última folha de um livro, em duas versões e
sem maiores indicações*

um lugar

Era uma esquina de três ruas em Copacabana.
Havia um poste na curva entre as três ruas
um poste como todos os outros com ferros e fios
mas ele tinha uma base de cimento ao redor
e assim, era o único poste que era também um banco
ali, entre as esquinas de três ruas em Copacabana.
Havia uma árvore; havia mais e quantas eram?
Mas uma, mais próxima do poste e da esquina
derramava um gesto de sombra sobre o banco.
Alguns pardais estavam sempre ali
e se eram os mesmos, só eles saberiam.
E se aninhavam na árvore e justos esperavam
o pôr-do-sol para cantarem juntos.
Eram poucos os carros e até poucos os passantes,
pois aquela era uma esquina de ruas esquecidas
mesmo sendo três ruas de Copacabana.
E assim, o poste, o banco, a árvore e os pardais
reinavam ali e hoje reinam na lembrança.

*na última folha do antologia poética, de Elizabeth Bishop
da "Ediciones el Tucan de Virginia". Vejam só*

Paulo

Não há motivos para esta festa de trigais.
 Não somos sequer aquela nação de gentes
 Acostumadas a títulos e escapulários.
 Viemos de longe sim, é bem verdade
 E formos notados aqui, como estrangeiros.
 Mas não viemos aqui em busca de coisa alguma
 Que não caiba no chão da tenda que armamos.
 Se nos perguntarem: uma estrela? Diremos: não!
 E não somos nem reis e nem magos, nem mesmo sábios.
 Ignoramos os sortilégios que trazem chuvas
 Trememos de frio quando vem o frio
 E não falamos grego e nem armênio.
 Sabemos eu há aqui pessoas imponentes
 Vestidas de sedas e com nomes como Caifás.
 Mas os nomes que temos são, um, Pedro e , outro, Paulo.
 E um de nós conviveu com um estranho homem
 Que de seis pães fazia muitos
 e falava de crianças e sementes.
 O outro sou eu que deponho ante este júri
 E vi uma certa tarde, a caminho de Damasco uma luz
 E resolvi por conta própria
 que já era tempo de anunciar estas coisas.
 Nunca o vi, a não ser em sonhos,
 aquele Galileu, mas como não lembrar
 Quem disse isto, tomando vinho: e verei a Deus face a face.
 Deixei de crer em um Senhor dos Exércitos,
 Deus não usa fardas.
 Sou , como sabeis, um fazedor de tendas
 E não anuncio nada, a não ser isto
 Entre a fé hebraica de meus pais
 e a esperança de um menino:
 O amor prevalecerá. O amor, ele.

*No aeroporto de Viracopos
 28 de novembro de 1999
 na última folha de um livro de Wallace Stevens*

Voltar

Será um dia quando
irei, como vai o vento
e com o vento vai
tudo o que ao vento voa
e esquece do dia de voltar.
Irei plantar rosas laranja
Nas terra da Rosa dos Ventos
sob o sol de outubro.
Outras, entre branco e amarelo
algumas serão como um outro
pequeno sol caseiro
nascido do céu do chão da terra
e do meu já então esquecido
cansado gesto de abandono.

Montes Claros
5 de novembro de 2008

*Setembro*

Quando é já setembro
e as primeiras chuvas do verão
derrubam das árvores na floresta
as derradeiras folhas secas,
outras árvores sugam dos ocos da terra
o que sobrou de água ainda.
Então é quando os riachos minguam
e suas cascatas de janeiro
são como finos fios de lágrimas
que o silêncio da mata
atento escuta, enquanto o sol
tocado pelo vento, vai embora.

Montes Claros
5 de novembro de 2008

Vimos de longe
de tão longe vimos
que mesmo o vento
que nos trouxe aqui
nos achou longe
de onde vimos.
Foram ilhas e trilhas
que viajamos
e onde fomos e vagamos
nem mesmo o chão
de nós se lembra.

Vimos vindo ao léu
pastores sem rebanho
e uma flauta de ossos
soava à nossa frente
como a voz de um menino
um deus, um pássaro.
Onde paramos
comemos pão amargo
e a cada um de nós, errantes
a água cabia em meia mão.
Alguns foram ficando
e os seus corpos cobrimos
de preces, terra, pedras.
As sandálias remendemos
Com tiras, nove vezes
e as crianças que nasceram
sabem ler.
Chegamos aqui,
Aqui chegamos
e o que restou
vos damos de presente:
um amuleto, um astrolábio
e um ar de ausência.

Campinas
19 de outubro de 2009

Rua General Barbosa Lima

Como subia o morro
Em que acabava
Depois de passar
Onde eu nasci,
A minha rua de menino
Parecia olhar de longe
O mar, Copacabana
O farol da ilha rasa
E, mais longe ainda,
O outro lado do mar
Onde eu, menino,
Imaginava outro menino
Como eu, igual a mim
Pensando se do outro lado
Do mar sem beira e sem fim
um outro menino como eu havia.

Campinas
19 d outubro de 2009

No Nordeste, lembrando os Alpes

Nevava em Brênero
e era de neve
o caminho
que pela neve ia.
Um branco por ali
branqueia tudo
e era branco
tudo o que se via.

Um homem que pesquisava o povo

vi um filme sobre este homem, pesquisador de seu povo, na Bolívia

Trôpego e algo gordo, já velho
andante de sandália e poncho
ele varava de sandália a pé os Andes.
Não colhia coca e nem cebolas.
Ia sozinho de um ayllu a outro
em busca de uma nota:
uma si, um la, um dó
da dor do povo andino
transformada entanto
em conto, em canto.

Nunca soube o seu nome
um boliviano que colhia rostos,
gestos, versos, mitos e memórias,
uma frase esquecida atrás da porta.
Como chamá-lo mestre?
com que nome?
Se é que a um homem assim
uma nome importa.

fogos na caatinga

Sobe sobre tudo nesta tarde
uma fumaça cinza
que a palha da caatinga acende
e o vento atiça.

Um fogo que na noite
acende luzes
como se fosse festa
o que é fúria.

um riachinho de João

Sereno e sozinho
desde do alto de um morro
um riachinho.
Depois de descer
entre cachoeiras
e entre espumas
do que antes era água
corria entre menino e arisco
quem agora viaja lento, manso
e quase passo a passo
vai sem pressa entre brenhas do cerrado
a procura mais adiante de seu rio:
o "das Velhas", o "do Sono", o "de Janeiro",
um rio qualquer que como os outros todos
adiante vai dar no São Francisco.

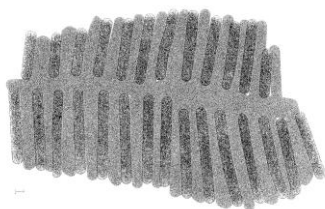
Paulo Freire

A barba branca aveluda
a dura fala mansa
de quem escuta e então fala
o que de um outro ele ouvia
quando ensinando, aprendia.

Mas os gestos das mãos
largos como na festa
volteiam quem fantasia,
como bandeira de guia
e chamam pra luta na rua
quem sua fala calava.
Quem seu chamado esquecia!

ruídos do sertão nordeste

O zunir da cigarra
no sertão, o zurrar
do jumento, o coaxar
dos sapos nos açudes.
O ballr da cabra dia adentro
e outro do bode que balindo respondia.
O ciciar de quem? Adonde? Quando?
E o silêncio que tudo cala na caatinga
o cantorio de tudo quanto há
quando sozinho canta um sabiá.



Os dias

São sementes os dias.
No chão do tempo alguém enterra o grão
E como o milho o dia brota com o sol.
E olhas o relógio e não as folhas verdes.
Quem era aquele que passou ali, agora?
Não sabes e olhas o relógio e dizes:
“o tempo passa”. E ele se foi, passou, alguém
Que poderia ser o Buda ou o Cristo.
Passa o tempo, mas como o milho
Um dia o fruto amadurece.
E isto é agora!

Um pequeno animal de penas

Não quero chamar “morte”
ao que seja isto, agora.
O pequeno animal de penas
desistiu do voo
e pousou sua mínima sombra
em um canto do caminho.
O olhar atrás das pupilas
já não espia mais os grilos.
Ele adormece e é sem sonhos.
e a floresta enfim silencia.
Uma outra vida se apossa de seu corpo
e alimenta com ele uma outra vida.

*Na folha final do livro El bosque transparente
De Angel Crespo
Voo de São Paulo a Madrid em 1999*

Há horas como esta

Um grão da chuva na folha caída, no outono.
Na folha seca caída um maio inteiro adormece.
há horas como esta em que tudo alimenta a alma
que caminha como se pudesse ver no vento
o rosto de algum ser de mito e de magia.
Sobre o galho de um Angelim e não em uma nuvem
um anjo quando dorme e esquece por um instante
ser eterno e como o homem, sonha.
E ébrio do sonho deste instante, sonha ser humano.

*Na folha final do livro El bosque transparente
De Angel Crespo
Voo de São Paulo a Madrid em 1999*

Quem pela estrada vinha

Era um tempo quando eu fui agora
e que quando eu caminhava havia
em cada curva da estrada a estrada inteira
e uma árvore encantada em sua beira.
Quem pela estrada vinha e nela andava
e cansado de andar pousava o corpo
sob a sombra da árvore, e repousava,
sob a sombra da árvore adormecia
e sob a sombra da árvore se assombrava.

Quem?

O que nós somos?
 Quem diz o ser
 de quem pensa ser?
 Somos quem somos
 ou são os outros
 que de nós mesmo
 nos dizem: “eles”?
 Somos areia
 e cabe ao vento
 dizer quem somos?
 Somos quem fomos
 e fomos quem?
 E se nem somos
 somos ninguém?

Quem?*dois*

O que nós somos?
 Quem pensa o Ser
 Que sonha ser?
 Somos quem somos
 Ou são os outros
 Quem dizem: “nós”.
 Somos areia
 Que ao vento vai
 E cabe ao vento
 Dizer quem somos?
 Somos quem fomos?
 E houve um ontem?
 E fomos quem?
 E quando somos?
 E se nem somos
 Quem foi alguém
 Quem fomos? Quando?
 E agora enfim
 somos ninguém?

E hoje quando é tempo agora

“Combati o bom combate”.

Combati?

Vaguei mil dias e mares sete vezes
e sete vezes entre mil trilhas me perdi.
E hoje, quando é tempo agora
de medir em braços o que eu vivi
vejo que viajei pela vida, vida afora,
sem sair da rua onde eu nasci.

Capela na mata

De pedra, uma capela
ali na floresta, como a pedra
sob a sombra de uma cruz de Cedro
que mal o sol de maio roça,
plantada, como a árvore ao lado
de pedra uma capela
espera a noite e um deus.
Da copa de um Angico acima
cai, como a noite, escura
uma semente madura,
promessa de fruta caída cedo
sobre o teto de telhas da capela.
É ela nada, ou um deus?

Deus?

Chamei teu nome, Deus,
chamei o teu nome
e no silêncio da noite
o vento respondeu com o vento.
A noite foi o desenho de teu rosto
e eu quis tocá-lo e toquei o meu.
Se foi assim, é porque não és
ou será porque estás em mim
que ouvindo o vento
ainda não te ouço
e assustado, ouço a mim?

o de repente*pra ser cantado ao som de viola e caixa de Folia de Santos Reis**Para Josino, dito Josino Medina, dito Menino Josino,
dito Josino do Norte, dito...*

O improviso do repente que me toca
 e me cantando soletra o que eu invento
 me improvisa eu mesmo... de repente.
 E a melodia de mim, minha viola
 me dedilha com os dedos que são meus?
 E a toada em sol, sentida se enovela
 E em lá, em si, em dó, dolente soa
 e me entoa e me entretece e me evola
 como em baile de menino, duende e fada.
 Ou como a carta que o amor escreve e entrega
 à moça feia do sertão... mas tão amada.
 E entre dedos e cordas nos tocamos
 como se entoam a folha seca, o ar e o vento,
 ou como o barco quando hasteia a sua vela
 e navega num rio que se navega
 e leva o barco, o mundo e eu ao mar
 E ao bem-te-vi eu pergunto, navegando:
 você que voa... aonde é o mar, amigo.
 E piando ele voa e me responde:
 o mar é ali, e ali é nunca e sempre,
 e todo o sempre se acaba em algum mar!

E eu espero ao dia a noite e à noite o dia
 até quando a hora de agora se termina
 e acaba de repente o que começa
 e começou quando o que era se acabou
 e o que nem era demora pra chegar.
 E foi caminho? Foi canção? Foi poesia?
 Foi cantorio de violeiro sem destino
 violando o que será e o que passou
 e aboiando pro rebanho das estrelas
 quando era noite ainda e o sol dormia?

Ou foi o silêncio com que eu ponteio
 o som do sonho em que eu me assombro
 do que eu canto aonde, como e quando?
 E pronto! Lá se foi em dó, em si, em ré
 a toada da cantiga em que se conte
 as estórias que não sei do que não fui,
 as lembranças de ontem, e então e até.
 Ou o silêncio em que eu me cante,
 na voz de quem lembra, um canto ou o quê?

E depois eu calo e o silêncio me acalenta.
Lento, lento o que veio vai embora
e eu guardo a viola no saco, e mais os meus
achados recolhidos pela estrada:
um sonho, uma sombra, uma cantiga
o retrato preto-e-branco de uma amiga
o gesto de quem fica, e acena e chora.
E do meio do caminho eu grito: eu volto!
e da curva da estrada eu canto... adeus!



*Cantos de Sertões***I.**

No sertão a lua cheia aquarela o ar da noite.
Entre areias e águas quietas da vereda
ela espelha o seu rosto pintado de pequi
laranja claro, doce caroço que o céu rói.
Quieto é tudo e à meia-noite o rio se para
e espera pelo voo de uma ave. Nada voa
e nada anda no tapete prata dos gerais.
E se há luar, o que nele é luz clareia
o que o cerrado em maio colhe e mói.

II.

Não há prata nas minas, nem há ouro.
Aqui só a água das veredas é o que mina
numa terra amarga e avara de sertão.
Com carinho de alma o luar da lua cheia
colore com a cor da prata que ilumina
o que foi ontem sol e é sombra à noite
entre as oito-e-vinte e as dez-e-meia.
E a noite adormece o que foi vida ao dia
e agora rebrilha na luz clara que há no chão.

III.

Uma só ave que voasse agora
(um urubu, um manuelzinho da coroa)
moveria a alma dessa noite tecelã
que a lua cheia do sertão acende e acorda.
O verde cinza do cerrado é azul e cor de água
e o que dizer dessa noite como um dia?
O que dizer de seu ofício de artesã?
Fiandeira, a lua nada acende, apenas borda
de amarelo, de azul claro, branco e prata
O pano do luar que sem pressa tece e fia.

Montes Claros, outono de 2010

O vento, o moinho

Sobre uma imagem de Martin Heidegger

I.

Venta, vê, e o moinho
se move e deixa ver o vento
na aba do moinho que ele gira
e você vê, ali, *sozinho*,
e aprende que o vento você vê
é o vento o que se vê
no movimento das asas do moinho.

II.

O vento venta e quando venta
não se vê ele ventar sozinho.
Quem vê o vento quando venta
e não move a roda do moinho?

A palavra amor

De tudo o que foi dito
Toda a palavra dita um dia
É sempre uma primeira palavra
Falada uma primeira vez.
Toda palavra cria o que ela escreve
E o amor é isto: o que se pode sentir
Porque esta palavra existe: amor.
O amor se diz e pode ser chamado
Como um deus, um vidro verde,
Um relicário, o terceiro poema de um livro
Um grito de mãe, um arfar dos olhos
Um roçar dos dedos, um aroma de corpo
O mapa de uma terra desconhecida
E, no entanto ali, à espera de um navio.
Ou como a pessoa que esteve sempre aqui
E começou a existir quando chegastes
E te fez existir quando disse: eu amo
E foi com o vento, e foi com a vida
e foi com essa palavra: amor.

A cachoeira

Quem vem aqui vindo de outras águas
Entre trilha de longe, entre tardes
E daqui olha agora esta colcha branca
Molhada pelo sol e seca à chuva
Roupa branca de véspera de noiva
Dependurada no varal do rio,
Aqui, onde antes dos brancos, bandoleiros
Havia índios e peixes dourados e araras
E à volta da fogueira à noite se acreditava
Que Deus é um nome, um brilho, um bicho, uma mulher,
Quem venha aqui de longe e veja, aprende aqui
Que permanece só o que se esvai
E estável o que despenca e flui como a água.
E nós que vemos isso não somos eternos
Flui o corpo, água aprisionada em quem fomos um dia
E fica a alma, o vento, o sopro,
o nada que nem havia ali
mas segue, como um rio, o seu destino.

Novembro 1999

A volta

Não que semelhasse haver chegado.
Não ainda. Mas a pura espera de sua volta
dava à noite, aqui ao redor do jardim da casa
a pura imagem de tempos já vividos.
Já que esperar era a aventura
que ali a todos nos unia,
era aquilo que ainda iria acontecer:
um raro mistério de algo já vivido
(algo como um diário de bordo, antigo
onde as letras, escritas em sépia
eram no entanto de todos já sabidas).
E nem era preciso aquela névoa, aquela bruma
como no começo de alguns filmes da Escócia
para que o singelo rosto do segredo
viesse revestir de branco o olhar de cada coisa.
Porque – e este foi o milagre –
(se é que esta palavra cabe aqui)
a espera sem resposta a todos ofertou
um breve senso de vida aos objetos da sala.
E assim, à mesa do jantar e à hora nona
de dentro do silêncio parecia haver falado
aquele que viria e era esperado.
Posto que ao seu redor, silenciosos também
como os mortos, no entanto ouvíamos palavras
que alguns julgaram ser de profecia.
Por isso, agora não importa que não tenha vindo
(como de fato cremos que não veio)
pois eis que o que ele diria, fora dito.

Campinas, 1987

Florescer

Florem os flamboyants
(florescem, diriam outros)
aqui e agora quando outono
acende o fogo-brasa do cerrado.
Mas faz frio e um céu de cinzas
promete chuva até o fim do dia.
Uma cor laranja entre outros verdes
sobrou de setembro e sua sede
e antecipa um pôr-do-sol á nossa volta.
Nem as abelhas entrevoam essas flores
e os sabiás (sábios) preferem outros frutos.
A tarde cai e antes de ser noite tudo é verde
e o verde se desbota de cinzento
antes que a noite cubra de azul escuro tudo:
as abelhas, os sabiás, folhas e flores, frutos
e nós, aqui, os que falamos do cosmos, do infinito
encalhados no branco desta sala morta
sem saber onde a vida se colore à nossa volta.

Sapos, falas

Do que falas, silêncio desta tarde?
Que os sapos do rio falem por ti.
Se as estrelas calam, eles coaxam
E de estrelas e sapos é que tudo existe.
A tarde cala, os sapos cantam
E ensaiam agora o que é orquestra à noite;.
Do que falas, silêncio desta tarde?
O fio dos grilos ecoa entre os campos
E cada brejo é um concerto, é uma festa
De sextetos de cordas e de flautas.

O salto

O Salto do Avanhadava acabou
Anos depois de quando
Lavei meu corpo nas águas claras do rio Tietê.
Rugidor feroz noite inteira uivando
Barulhos que os homens calam
E as estrelas ouvem.
Lugar onde as águas dançam
Antes de deitarem adiante
Na cama de água de um agora manso.
Despenhadeiro de pedras e degraus
De rochas que milênios
Do lavar do rio tornaram patamares
Por onde este rio eu foge do mar
Desde ao degrau de baixo do sertão.

Tortilla

Vista de longe a massa da tortilha
parece massa de cal quase branca
E pronta para o reboco da parede.
Envolta em folhas verdes
E cozida em fogo manso
Quando pronta a tortilha
Quase lembra a forma do tijolo
Quando já gasto, roído pelo vento.

A tortilha é feita em olaria:
A massa do milho com a cal
Moída a mão de índia, a mó de moinho
Afogada em água como a massa de cimento,
O tijolo da tortilha, pedra ardente
Que a boca engole com delícia
E se dissolve em seiva, em fibra
Com que o corpo do índio
Se arma pra outro dia.

México

Relembro pedras
Como de ontem
E águas rasas.
Garças de pés na lama
Pescam peixes de cor prata.
Relembro montanhas
Nem tão altas, nem tão verdes,
Trilhas de entre pueblos
Para pés calçados de sandálias.

Relembro sorrisos,
Nunca tão arteiros
Como os dentes de nuvem
Em bocas de negros
Dos homens do Caribe.
Amargos sorrisos
De índios donos pobres
Das terras onde plantam milho.
Homens bons, à noite bêbados
De temor da morte e de tequilla.
Sorrisos que o chão vê antes do céu
Porque de corpos curvados
como o lugar onde a bengala tarasca
Apóia a custo a mão.

A fala

Espírito purépecha,
Em que língua agora
As veredas da meseta
Escutam a tua voz?
Até quando em algum pueblo
Ao redor do lago de Pátzcuaro
Ainda o vento e as crianças
Ouvirão canções de ninar
Nesta língua de acentos de anjos?

Campinas
17 e 18 de novembro de 2010

*Em um fim do livro
Ossos de Sépia,
de Eugênio Montale*

A serena sombra
mal pousara
no teu ombro, amigo.
O sol se vai, sombrio
e é hora. É hora
e agora parte.
E a vela ao vento
na orla do horizonte
é o teu presságio.
Parte agora, amigo
agora é tarde,
e que em meu ombro
sobre a sombra
de teu braço
em meu abraço.

e como desatento

Trôpegos os passos
teus olhos vesgos
o que ainda veem?
O que espreitam:
o sempre? o mesmo?
Passas entre as flores
e como desatento
cambaleias a esmo
não vês as flores
que te esperam.

Enquanto na água

Azul, azulíneo
o espelho do lago
que, entanto o gesto
de uma pedra turva
enquanto na água
alonga ondas que
vagam de um centro
até o ponto em que
invisíveis elas são
portanto, intermináveis.

os óculos, a bengala

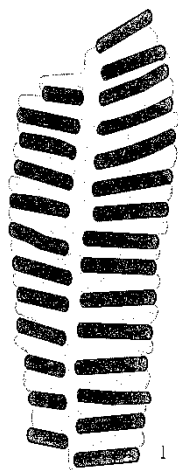
Quem era aquele que chegou
vindo de onde nunca se soube nada?
A bengala deixada sobre a mesa
e os óculos esquecidos na cadeira
sugerem a pressa de ir embora.
E havendo ido, para onde foi?
E a que lugar chegará um velho
caminhando sem óculos e bengala?

andejo

Acostumado a andar a esmo
evitava nas estradas ler as placas.
Preferia o sol, seu sempre fiel
estar ali, a leste, às sete horas.
Preferia na noite as estrelas
como Sirius, Antares, Aldebarã.
A cada passo pensava: "dei um passo"
e além dele tudo lhe era o vago tempo
em que ontem e nunca é a mesma conta,
em que todo o sempre é igual a um amanhã.

sorria enquanto a água

Lavava as mãos
e uma na outra passava
água e sabão.
Sorria enquanto a água
carregava para fora delas
um caldo cor de terra
que encharca a terra
e a terra recebe e amortalha.
Vinha do jardim, cavava o chão
plantava mudas de açucena
e frente ao tanque sorria agora
com as mãos limpas na toalha
com quem lava a sua alma
enquanto com água lava a mão.



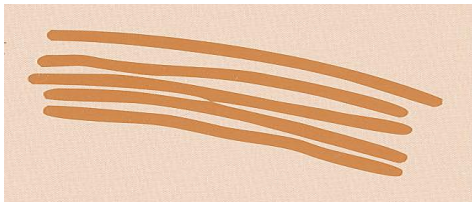
Ladainha de Bragança
segunda versão

um

E não havia um pássaro no pasto
e nem havia em mim, andante
e nem no rosto de Fernando I°
o de Bragança, um sinal de chegada,
uma hospedagem que a um corpo recebe
e sua carga de trastes e cansaços.
O castanhal amadurece e é dezembro
sobre os montes e dentro do castelo
onde uma velha varria folhas secas
e cantava canções de um outro tempo
e a mão da noite veio e, sesmaria,
semeava grãos de sono e de feitiço.

dois

E era outono, e era onde?
Era em Minas do Norte ou era aqui?
E há um longe e um rio chamado Tua,
e Mirandela, onde se sobe a um trem
que sobe penhas e atravessa as oliveiras.
E era a casa de alguém por nome Fialho
e o feitiço de um fogo ardia no ar.
Um lume, como fogos de coivara
sobe o céu de Bragança. E a noite armava
um cantar de coretos e alma errante
de peregrinos rumo a Santiago
gritando da estrada: “Deus existe!”



três

E por toda a parte é assim e é diverso.
E havia ali um certo ar de frades,
de astros e álgebras de árabes
ou de uma prece em vão, já não sei mais.
Havia vaticínios e um céu de professores
de ciência, de alquimia ou de tarô
e um suspense como em filme em preto-e-branco
ou como a rosa na boca do fuzil.

quatro

Havia um nome secreto e era “aura”.
E uma cesta de amoras e uma moça
pisando descalça um chão de monges
na hora amena das primas do mosteiro.
E era o silêncio agora e era de bronze
como a letra na palavra de uma frase
não dita entre uma fala e a outra,
ou como um momento do ar no Sul de Minas
na paz da entre-hora após a chuva.

cinco

Faltam só quatro noites para o dia.
E quando a noite for, quero sonhar com freiras,
com a explosão de cometas. Com Antares.
Caminho como quem chegou e não sabia
e de minha fé vivo a memória de uma festa antiga
e camponesa, com viola e lágrimas e cantos.
E de deus eu quero velas, quero danças.
Quero saia longa das moças do sertão
ou das vilas de vinho e Trás-os-Montes.

Seis

É noite e sonho todos os pesares
e releio a luz de vela um romancero,
o Cantar de Mio Cid e Raul Brandão.
E faço a contas e decifro que universo,
Se não há aqui um alguém, um cristão velho
que venha e sem fala acenda a vela
e me ilumine essa prece começada
dois minutos antes de esquecida?

*Bragança
quando?*

Caracas

Daqui se vê o mundo como as águias:
do alto, como se de um espanto.
E, entanto, o mundo.
Quem disputa nessas terras ao Norte
o poder de fazer planos e erguer torres
e expulsar os pobres e as gaivotas?
Os que vieram morar nos altos de Caracas
desejam os morros limpos e falam sobre verdes
como o seu quintal. Senhores de um mundo.

Mas, como em minha terra, os pobres daqui
aprenderam a conquistar frações dos altos.
E, munidos de silêncio e ferros,
assaltam na noite a virgindade dos verdes
e semeiam às pressas, ruelas e casas de caixotes.
“Sujam” os morros com a cor da vida
e semeiam não flores, mas crianças magras:
flores pálidas e frágeis, ervas daninhas
aos olhos dos que passam em carros fechados
ou quando vistas das janelas das altas torres.
E, no entanto, seres humanos de carne e alma.
Seres que o amor pare uma noite
e a cidade adiante um dia devora.

Caracas
25 de setembro de 1984

O sonho ruim

Há no Recife
(como em Veneza)
uma cidade
dentro da outra metida.
Da cidade clara aos turistas
ela se esconde entre
beiras sujas de dois rios
e alguns cantos escuros.
Uma gente sem moradia
mora pela ruas, entre calçadas
e ali conversa à noite sobre o dia
e come sobras e dorme sobre restos.
Mal oculta aos olhos do turista
habitada por pequenas tropas
de “meninos de rua”
e as moças que outros
chamam de “vadia”,
a cidade que a cidade oculta
é, como a mulher nua,
a sua mais fiel fotografia.

No Recife

Profecias

A mulher negra e aleijada.
Feia e de fala dura
como um punhado de pedras
pedia em Congonhas do Campo
esmolas aos pés dos profetas.

Doida e desvestida no chão da escada
essa negra deveria ser “a santa do lugar”.
E entre os cacos dos dentes ela dizia:
“Ó minha filha, me dê uma esmola!
“Ó meu senhor, me dê um olhar!”.
E nos silêncios, como nos profetas:
“Vós, que oprimis os pobres!”

Congonhas do Campo

o emaranhado*versão 2015*

E ara, nem era a hora ainda
 e nem chegara a era do esperado.
 Olha! A aurora é sempre ontem
 e, fora o tempo, tudo passa
 e isso, amigo, é o infindo!

Há palavras que são,
 como o silêncio do monge
 a saudade da amora não comida
 e quem procura o que há, desista!
 Pois quem busca não acha nem agora
 e nem ontem. E como o barco sem leve
 que navega um mar que há em Minas
 tudo volta, retorna. Tudo é medido?
 E de noite eu sei que só há história
 no desencontro do sempre com o sentido.

Segredo me contaram e conto agora:
 não se joga a vida no esquecido
 e se dela nem os anjos lembram nada
 o que dizer dos livros não escritos?
 Lembram os bichos, que sabem e não dizem
 (essas gaivotas do sul, voando em fila)
 ou mesmo a morte, que nunca soube disto?
 Não sei. Quem sabe? Que teoria?
 E de qual delas o que vale ser escrito?
 Há em tudo isso algo que a avó conte
 a um neto em noite escura, mal dormida?
 Pois do que eu soube, guardo apenas isto:
 amor é bom – amora bem comida
 e o pensar cansa a alma e apressa a vida.

Pocinhos do Rio Rio
 1993

Atibaia, pelos montes

É tão estranha essa manha de verdes
e entre-cantos de brisas, passarinhos e sobre-tons
de um jardim de sementes e memórias.
Essa manhã, ela carrega como um rosto
pouca coisa e, no entanto, quase tudo:
a maldição de sermos dia-e-noite
a rara espécie que escreve o seu nome
e sermos os que sabem de seu corpo
e dão a tudo um selo, ao invés de um canto.

E sermos como um barco rumo a um porto
com as velas abertas a vento algum
e o olhar entre o amigo e o horizonte
a procura de chegar até onde? A que?
Não sei. A um lugar depois de tudo
ou a um pouso antigo e sem roteiro,
igual a este jardim nesta manhã

memória de setembro

memória de setembro
o mar, me lembro
o mar imenso e, entanto,
como um jardim
de velha ao meio dia.
A tarde acende às sete horas
fogueiras no horizonte do arvoredo.
ao longe uma gaivota pia
e, sereno, o sol se põe
lilás e triste,
pensando que ainda é cedo.

*Memória de setembro
dois*

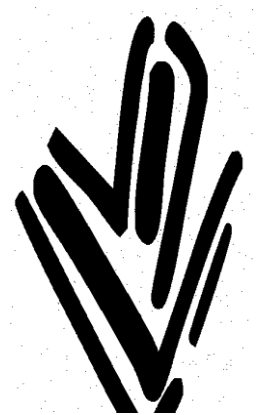
A tarde cai de pé
e entrega à força
a luz que acendeu
às seis e meia.
Lamenta de partir
retarda a noite
que mareia o mar,
e se veste de triste
de lilás e de arvoredo.
Ela acende a fogo o luar
que vem com a noite
e entre a paz o escuro
o espanto e o medo
ela anoitece e enfim afaga
a sua hora de sossego.

Campinas
1976

memória de setembro
três

As árvores floridas de setembro
guardaram flores pra florir outubro,
flamboaiãs entre laranja e fogo
e pés de ipê ainda cor de ouro.
O camponês, guardião de nosso almoço
arou o campo e convocou a chuva
para o dia vinte de novembro.

Ele sabe, e a terra ensina:
depois das flores semear o milho.
Depois do ouro esperar o grão.



Com as duas mãos

Colhi duas flores
com as duas mãos.
Andei pelos campos
como quem voltava
de onde nunca foi.
Quando a noite veio
e com o escuro fez
florir vaga-lumes
as estrelas, a lua
me encontrou no meio
do começo do caminho.
Adormeci no campo
como a ave no ninho
e foi como ser houvesse
nascido outra vez.

Pela noite ou por campos

Mas eu não vou morrer
e setembro. É cedo,
e por um nome a vida continua.
Porque houve ritos entre velas
e gestos como a flor ou a frase
com que se soletra ao dia o seu poema.

Eu não vou morrer. É cedo ainda
e sei que, amara, a morte não escolhe
quem vigia pela noite a espera,
e espreita da janela um novo dia.
Um dia ela virá e eu irei como em um barco
de velhos marinheiros congregados
ao ofício de erguer velas e navegar
entre rumos de ilhas além e antigas
até quando morrem no mar e, encantados,
renascem na memória de seus barcos
e gaivotas, crianças, lendas e cantigas.

Campinas
1977

os assombros da memória

Voltar, como quem vela
os recantos da sobra da vida
de onde o tempo retorne
ao que foi seu rosto um dia.
Às muitas voltas
que a memória, armada
de harpa, viola e violino,
relembra a quem esquece
a letra de seu nome antigo
a rua onde morou menino
e a sua primeira melodia.

Sabará
julho de 1979

momentos em que

para Maria Alice

Não deixemos, pequena amada
que a noite desça sobre nós
sem um breve gesto de amor.
Sem fazer da noite a companheira,
e o agasalho de lã e algodão
e mais a prece que se canta a dois,
por ser haver vivido um dia a mais.
E nesse dia cabe a vida inteira.

Não deixemos, doce amada,
de consagrar com a alma e a mão
uma outra noite que chega
do país de onde fomos quando então
e nos encontra aqui, como outro dia
de mãos dadas diante da lareira.

Campinas
maio de 1976



suave é a tarde

Quando é a tarde, abre os olhos.
Abre! Abre os olhos na tarde e vê.
E vê os corpos que a areia acolhe
ali, onde os sem-teto adormecem. E sem o pão.
Abre os olhos. É tarde, abre e vê. Há deserdados.
Houve festa? Não há agora. Abre os olhos e vê.
A tarde veio e a noite acolhe as crianças.
Vê. São pequenas e dormem sobre palhas.
Sobre areia dormem e dormem sobre papelões.
A noite veio e quem ouviu além do pio dos pássaros
o silêncio dos velhos, o pranto das crianças?
São crianças, entanto. Vê e escuta! Ede fome choram.
A noite é fria e elas choram. Calam as mães, é tarde
e faz um frio de maio em mês de festas.
Este Natal às avessas, vê, como um velório.
Ah, tu que passas com pressa e desalento,
te pesa a vida, eu sei, e o dia é longo,
E mais a pressa de chegar, a sopa quente.
Para tu que vais à casa, como um viajante
para um momento, um instante só em tua pressa.
Detém-te e olha, e vê e ouve. É o pranto de crianças.
E uma com as mãos limpa do rosto o ranho.
Acolhe esses rostos que deveriam ser de festa.
São crianças e na noite que veio ela têm fome.
Tu que passas, sonhador que sonhas.
Para um instante e ouve, e abre os olhos e vê.
Uma criança chora. Ela tem fome
e nela há um deus que te vê ver e passar.

Suave é a noite

Infinito o tempo em que me escutas
voz de arcanos, de anjos de que mundo?
Suave a noite, e sábia, esconde acaso
a era de viver de que me inundo?

O sol, o chão

Os dias, sim. E a sombra entanto
de um sol de antigo outono
sobre o teu rosto que acaso
escondes entre o chapéu e a mão.
Serena é a hora e é estranho
agora que sem pressa mal de movas.
Um navio se apronta no horizonte
e de onde vem? Perguntas. e te calas
Serena é a hora, repito e agora
como um sussurro o sol se põe.
E a maçã que agora comes é como o sol.
e sem saber mastigas um crepúsculo
e sorris como se um deus, uma criança.
e com os pés descalços, como um mago
desenhas flores sobre o chão.

Do que foi o rosto

Espera dessa hora um acaso.
O urro de um macaco na floresta
o voo de borboletas sobre a bosta
o cair da água, a sobra de um orvalho
o cobrir de flor o que foi ave.
Espera dessa hora a só lembrança
do que foi rosto e é agora pranto.
Espera dela o nada, o sem-nome
e o sumir na poeira, o que era ontem
e caber no teu bolso o que foi tanto.

à noite, um bacurau

A alma se esconde atrás da árvore
e no chão semeia o açafraão.
Um menino empina um papagaio
E foi por isso que ventava então.
Há no vento um certo ar de antes
e quem voa em abril não são os pássaros
e nem são folha. Voa o papagaio
e mais sete palavras de uma prece
silenciadas na capela de São João.
Uma igreja de pedras, restaurada
entre restos de velas e de óleos,
e de santos cujo rosto o tempo apaga
enquanto fora a tarde anoitecia.
O papagaio numa árvore se aquietava
O menino não sabia se chorava
e um bacurau piava e outro calava
e o já era a noite anoitecia
enquanto a noite o dia anunciava.

aos que vierem

Quando estes pequenos sinais
(marcas a lápis na margem dos livros)
forem algum dia achados ao acaso
eu terei ido embora daqui.
Virá alguém à biblioteca que foi minha
e abrirá distraído um livro entre tantos.
Ao folhear as páginas, sem pressa,
em alguma folha setenta e quatro
encontrará uma pálida, uma quase apagada
escritura que eu rabisquei um dia.
Talvez nem a note, e será bom.
Ou, então, curioso, fugirá por um instante
do texto impresso em letras de um negro poder
e virá à margem ver os meus rabiscos.
Não saberá decifrar a minha letra ilegível
E nem por isto ficará menos sábio.
E fechará o livro e ao devolvê-lo à estante
talvez pergunte: quem foi? quando?
E pode ser que a alma de meu espírito então responda:
Fui eu, mas esqueça. Eu esqueci.

*21 de março
(onde e quando?)*





*Este livro nunca impresso
faz parte da série
FOLHAS AO VENTO.
Ele pode ser acessado, copiado,
lido e utilizado devidamente, de
forma
livre, gratuita e solidária.
Outros escritos meus, entre
livros e artigos, podem ser
também livre e gratuitamente
encontrados
e acessados em:
www.apartilhadavida.com.br
www.sitiodarosadosventos.com.br
LIVRO LIVRE*

*As imagens do livro são fragmentos de
pinturas rupestres tiradas do livro
Minas Gerais, da Editora da UFMG
coordenado por
Heloisa Maria Murgel Starling*

